

## O *ethos* de Anais Nin: a escrita de si entre verdade e ficção

Andreia Miranda Souto 

Iara Cerqueira Linhares de Albuquerque\* 

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) – Brasil

\*Autor de correspondência: [soutomdeia@gmail.com](mailto:soutomdeia@gmail.com)

### RESUMO

Este artigo tem como objetivo analisar a obra de Anais Nin a partir da perspectiva da autoficção, conforme Arfuch (2010), destacando a complexa relação entre verdade e ficção em *Henry & June: Diários Não-Expurgados* (1931-1932), sob a ótica de Nascimento (2023). A partir da abordagem metodológica de Minayo (2012) e com base nas reflexões sobre narrativas autobiográficas, o texto analisado nos apresenta como Nin constrói sua escrita transversal e subjetiva, no qual o eu enquanto biografia é constantemente reconfigurado, explorando as nuances da identidade e os limites entre a verdade e a ficção. O artigo revela ainda a influência do contexto histórico e social das décadas de 1930 e 1940 em sua produção, ressaltando a ressonância da escrita erótica de Nin e sua transgressão às normas de gênero, além de abordar o pacto autobiográfico, o sujeito polifônico e o dialógico. Evidencia-se o quanto a sua escrita desafia os limites entre confissão e ficção e reverbera na representação e insubmissão da experiência feminina, além de contribuir para a construção do *ethos* e da subjetividade por meio da escrita de si.

#### PALAVRAS-CHAVE:

Ethos  
Autoficção  
Escrita de si  
Subjetividade  
Anais Nin

**SUBMETIDO:** 10 de junho de 2025 | **ACEITO:** 19 de agosto de 2025 | **PUBLICADO:** 31 de dezembro de 2025

© fólio – revista de letras 2025. Licença/Licence: [Creative Commons Attribution 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)

### Introdução

Anais Nin, em seus diários eróticos dos anos 1930, oferece aos leitores um mergulho em suas experiências pessoais, desafiando as normas sociais e provocando reflexões sobre os tensionamentos que ainda reverberam na atualidade e inquietam vozes que ecoam verdades únicas. Sua obra *Henry & June: Diários Não-Expurgados* (1931-1932) revela o erótico de maneira transitória, onde uma impressão momentânea se desmente em outro momento, criando uma dinâmica narrativa que questiona o

que é real e o que é fantasia.

Em seus estudos, Nascimento (2023, p.57) levanta os seguintes questionamentos: “Quem é essa mulher? Quantas mulheres podemos identificar em sua exploração do florescimento sexual?” Sugerindo que nos seus diários, Nin constrói um espaço interativo e dialógico, onde confissões e reflexões sobre seu eu se misturam, criando uma multiplicidade de vozes e sujeitos que revelam o conflito interno e as influências das convenções sociais, na construção da identidade e na busca pela transgressão. Nascimento (2023) chama a atenção do leitor, instigando a curiosidade e conexão emocional, enquanto contextualiza a profundidade e a relevância singular da obra de Anais Nin.

Nin construiu uma escrita própria, na qual se destacou por sua sensibilidade e desejo de revelar o oculto por meio de sua poética e simbolismo, desafiando valores éticos e morais da época. Sua escrita transversal e subjetiva transporta o leitor para um lugar onde a distinção entre realidade e ficção se torna imprecisa, criando um estado de desorientação, numa reflexão profunda sobre os temas do erótico, da subjetividade e identidade.

Para contextualizar historicamente a obra de Nin, Nascimento (2023) considerou a importância do período das décadas de 1930 e 1940, marcado por transformações sociais e políticas significativas, assim como a crise econômica e a ascensão de regimes totalitários criando um ambiente de incerteza, ao passo que o movimento feminista começava a desafiar normas sociais, promovendo a liberdade sexual. Ainda segundo Nascimento (2023), a psicanálise, com as ideias de Freud sobre a sexualidade humana, também teve um grande impacto sobre a escrita de Anais Nin, que imersa em círculos literários boêmios e influenciada por figuras como Henry Miller<sup>1</sup>, trouxe uma perspectiva feminina à literatura erótica em um contexto de crescente tensão social, política e cultural. Além disso, a eclosão da Segunda Guerra Mundial e a influência do Surrealismo também marcaram sua escrita, provocando reflexões sobre a fragilidade da vida e a busca por conexões em tempos de crise. Nesse sentido, Nin, ao narrar suas experiências íntimas e

---

<sup>1</sup>Henry Miller (nascido em 26 de dezembro de 1891, na cidade de Nova York – falecido em 7 de junho de 1980, na Califórnia, EUA) foi um escritor norte-americano e boêmio inveterado, cujos romances autobiográficos alcançaram uma franqueza, especialmente em relação ao sexo, que os tornou uma influência libertadora na literatura da metade do século XX. Disponível: <https://www.britannica.com/biography/Henry-Miller> Acesso em: 18 abr. 2025.

subjetivas, mobiliza a liberdade de criar sentido em meio ao caos, afirmando sua existência em um mundo em transformação. Essa concepção encontra eco no pensamento de Heidegger, citado por Minayo (2012):

O conceito de ação está vinculado à noção de liberdade para agir e transformar o mundo que, para Heidegger, não constitui um lugar e sim um complexo formado pela significação das experiências que fazem do ser humano um ser histórico (Minayo, 2012, p. 622).

Com todas as nuances entre o real e imaginário na obra de Nin e reflexões sociais, é justificável que a análise dessa obra seja desenvolvida a partir da teoria crítica cultural e social de Arfuch (2010), que, embora se concentre em narrativas contemporâneas, oferece um arcabouço teórico essencial para a compreensão da autoficção em contextos diversos. Essa abordagem será aplicada na análise da escrita de Anaïs Nin, com base também nos estudos de Emanuelle Nascimento (2023), que identifica na obra de Nin, elementos que dialogam com os conceitos de subjetividade e identidade, desvelados entre verdade e ficção.

Ao integrar as discussões de Leonor Arfuch (2010) à análise da obra de Anaïs Nin, este artigo não só ilumina o *ethos* de Nin, mas também desafia discursos unívocos que silenciam essas vozes. Assim, a obra de Nin se revela como um divisor de águas na literatura feminina, contribuindo para as narrativas que buscam explorar a complexidade da experiência feminina e o devir da identidade e da subjetividade.

### **A escrita de si entre verdade e ficção**

A narração da própria vida é uma forma de expressar quem somos e afirmar nossa identidade. Para Arfuch (2010) ao escrever sobre si mesmo, a pessoa está refletindo sobre sua vida e suas experiências de forma profunda. A escrita de si não descreve apenas momentos isolados; cada experiência individual faz parte de um fluxo maior e reflete a totalidade do viver. Essa ideia do eu enquanto biografia começou a surgir há cerca de dois séculos, a partir de *Confissões*, obra de Rousseau do século XVIII.

Nesse mesmo século, com o surgimento da sociedade burguesa, o gênero autobiográfico se consolidou e passou a refletir as características dessa sociedade, como o individualismo e a tensão entre o público e o privado, além de reforçar a

desigualdade de gênero, com o feminino sendo ligado ao espaço doméstico. Nesse viés, Perrot e Duby (1990 *apud* Nascimento, 2023) explicitam como as relações binárias entre masculino e feminino, público e privado, indivíduo e sociedade revelam o papel da mulher na produção cultural. Os autores apontam que o quarto, como espaço íntimo, era onde as mulheres podiam se expressar, escrevendo diários e cartas à noite, no silêncio desse espaço.

Nessa perspectiva, Perrot (2008, p.30) contribui: “Esses diversos tipos de escritos são infinitamente preciosos porque autorizam a afirmação de um 'eu'. E graças a eles que se ouve o 'eu', a voz das mulheres”. Já os espaços masculinos eram dominados pelas Ciências, Narrativas Épicas e Filosofia. Como a escrita era proibida para as mulheres, elas recorriam a pseudônimos masculinos ou se mantinham anônimas. Devido às proibições e convenções sociais, o diário passou a ser uma linha de fuga, como um meio de escapar dessas limitações, em um processo de descobrir e vivenciar algo novo.

Os diários íntimos de Anais Nin, embora sejam classificados como confissões, misturam realidade e ficção, apesar de editados e publicados dentro do gênero autobiográfico. Isso levanta questões sobre a veracidade do que é narrado, mostrando que nem tudo o que é escrito reflete a verdade absoluta, mas sim uma construção literária que pode mesclar fatos com elementos fictícios, revelando em sua escrita a busca por driblar os padrões sociais ou seduzir o leitor. Para fortalecer esse argumento, é importante apresentar o excerto do diário de Nin, citado por Nascimento (2023):

Tenho a sensação de tudo que omito – as lacunas, especialmente os sonhos, as alucinações. As mentiras também são omitidas, uma necessidade desesperada de embelezar. Assim eu não as escrevo. O diário é consequentemente uma mentira. O que é omitido do diário também é omitido de minha mente. No momento em que escrevo, precipito-me para a beleza. Disperso o resto, de meu diário, de meu corpo. Eu gostaria de voltar, como um detetive, e recolher o que deixei de lado. Por exemplo, a terrível e divina credulidade de Hugo [...] (Nin, 2008, p. 110, *apud* Nascimento, 2023).

Outro fator, segundo Camargo (2020 *apud* Nascimento, 2023) a memória não é vista como uma reprodução fiel dos eventos passados, mas como uma construção narrativa que mistura realidade e a ficção. Nesse sentido, Nascimento (2023) esclarece:

(...) não são meros desvios, mas elementos que geram a sedução do olhar do outro sobre nós, pois, desse modo, seduzimos e desviamos o outro através da narrativa escrita de nossas vidas inventadas. Os desvios da memória são mais comuns do que pensamos ou queremos, pois nem sempre o sujeito que escreve se dá conta de tudo o que se lembra, bem como, muitas vezes, ele edita o que foi sua memória de propósito, pois o uso que nossa cultura faz da memória não está diretamente associado àquilo que denominamos de verdade (Camargo, 2020, p.31 *apud* Nascimento, 2023, p.38).

A escrita autobiográfica, muitas vezes, afasta-se dos fatos e cria um espaço no qual a experiência é reinterpretada e reconstituída, buscando superar limitações e seduzir o leitor, oferecendo um *ethos* do autor.

### **A construção do *ethos* entre realidade e ficção**

A autoficção é um conceito que tem ganhado destaque na análise literária contemporânea. Segundo Arfuch (2010), a autoficção caracteriza-se pela utilização de experiências reais do autor que são entrelaçadas com elementos de ficção, criando um texto que desafia as categorias tradicionais do autobiográfico. Nesse contexto, a autoficção é apresentada como uma forma de escrever sobre si com plena consciência de seu caráter ficcional.

Intertextualizando a obra de Nin à proposta de Arfuch (2010), é relevante pontuar:

Em seus diários, Nin coloca-se como escritora, artista, poeta, e brinca com essa convergência de papéis. Ao viajarmos por suas aventuras eróticas, não se sabe mais onde começa a lucidez, onde termina a loucura, o que é verdade, o que ela inventa, característica esta própria dos poetas (Nascimento, 2023, p.23).

A obra de Nin é categorizada como autobiografia e, de acordo Arfuch (2010), este gênero tem um aspecto contraditório, pois reconhece a diferença entre a vida que foi vivida e a forma como ela é escrita, entre o eu real e o outro eu criado, fictício. Isso permite ir além da ideia de uma narrativa rígida e linear, que busca apenas mostrar a verdade, e abre espaço para a autoficção. Nessa abordagem, a mistura de fatos reais e ficção cria uma história mais livre, menos limitada e regrada.

(...)a admissão da divergência constitutiva entre vida e escrita, entre o eu e o "outro eu", a renúncia ao desdobramento canônico de

acontecimentos, temporalidades e vivências, bem como a dessacralização da própria figura do autor, que não se considera já no 'altar' das vidas consagradas, o que permite ultrapassar, cada vez com maior frequência em nossa atualidade, o umbral da 'autenticidade' em direção às variadas formas da autoficção. Autoficção como relato de si que coloca armadilhas, brinca com as pistas referenciais, dilui os limites (Arfuch, 2010, p.137).

A ideia de que os gêneros, antes bem definidos e rígidos, estão se tornando cada vez mais flexíveis, misturando-se e criando novas formas de narrativas, é um conceito relevante na contemporaneidade, segundo Arfuch (2010, p. 183): "A variação narrativa compreende não somente as grandes divisões canônicas dos gêneros, mas também as misturas e hibridações às quais eles são constantemente submetidos no interior mesmo de suas lábeis fronteiras". Essa hibridização possibilita abordagens mais livres e inovadoras na escrita de si. A partir desse conceito, é possível estabelecer uma intertextualização entre a visão de Arfuch (2010) sobre a autoficção e a análise de Nascimento (2023) sobre a obra de Anaïs Nin, especialmente em relação a Henry e June.

A autoficção, conforme descrita por Arfuch (2010), combina elementos reais e fictícios, o que ressoa na forma como Nascimento (2023) interpreta a obra de Nin, destacando a fluidez entre o eu real e o eu criativo. Anaïs Nin exemplifica essa complexidade em seus diários, nos quais o factual e o imaginativo coexistem, permitindo ao interlocutor acessar um universo onde a verdade se torna diversificada. Nin explora os diários como um espaço de autoconstrução, onde memórias e ficções dialogam continuamente.

### **O pacto autobiográfico: o *ethos* performático em Anaïs Nin**

A autobiografia, por séculos, tem despertado um interesse contínuo, desencadeando reflexões sobre sua especificidade como gênero e sua relação com a identidade do sujeito que narra. Philippe Lejeune (1975, *apud* Arfuch, 2010), em sua tentativa de definição, propõe inicialmente um viés referencial, descrevendo-a como o "relato retrospectivo em prosa que uma pessoa real faz de sua própria existência". Essa definição pressupõe uma equivalência entre autor, narrador e personagem, estreitando a distância entre o eu que escreve e o eu vivido. No entanto, a instabilidade inerente à identidade e à própria linguagem torna essa correspondência controversa.

Diante desse impasse, Lejeune (1975, *apud* Arfuch, 2010) propõe o conceito de pacto autobiográfico, um contrato implícito entre autor e leitor que sustenta a crença na identidade daquele que narra sua história. Entretanto, essa noção também enfrenta desafios, pois a autobiografia não se limita a uma simples reconstrução factual da vida, mas envolve escolhas narrativas, deslocamentos temporais e a interação discursiva, na qual os significados são constantemente negociados de forma subjetiva e intersubjetiva, considerando contextos sociais e culturais. Nesse entorno, Arfuch (2010) sublinha que:

(...) falar de identidade e semelhança apresenta, por sua vez, para além de sua conotação filosófica, outro deslocamento, o da temporalidade: como delimitar, num relato 'retrospectivo', centrado na 'própria' história, essa disjunção constitutiva que uma vida supõe? Qual seria o momento de captura da 'identidade'? (Arfuch, 2010, p.53.)

Como afirma Leonor Arfuch (2010), a identidade do sujeito autobiográfico não é fixa, mas construída no entrecruzamento de memória, cultura e interações discursivas. Com a emergência de gêneros híbridos como a autoficção, o pacto autobiográfico se torna ainda mais complexo, desafiando as expectativas do leitor em relação à veracidade das narrativas. O interlocutor, portanto, precisa estar consciente da natureza dessa narrativa e das escolhas que o autor faz ao construir sua identidade. Ao analisar a obra de Anais Nin, observa-se que as dialogizações e a construção do *ethos* em sua escrita são manifestações do pacto autobiográfico, conforme a ótica de Arfuch (2010), no qual as identidades se constroem e se expressam no ato confessional. Ao apresentar sua subjetividade, Nin reflete a ideia de um sujeito que se constrói em um contexto social específico, uma noção que dialoga diretamente com a relação entre o pacto autobiográfico e o contexto social em Leonor Arfuch (2010).

A construção da identidade e a verdade da narrativa são moldadas pelo meio em que o sujeito se insere. Nascimento (2023) explora a multiplicidade de eus e as máscaras sociais de Nin à luz de conceitos como *persona*, da psicologia junguiana, e *ethos*. A abordagem interdisciplinar, que integra a análise do discurso, a sociologia e a psicologia, enriquece a investigação, trazendo frescor ao escolher Nin como objeto de estudo, no contexto da discussão sobre escrita autobiográfica e construção de identidade. Nesse sentido, como ilustra

Nascimento (2023, p.58),

(...) existe em Nin um sujeito social, que comunica (o sujeito físico) e um sujeito discursivo, que organiza seu discurso. Essa dualidade é evidente quando Nin, ao se envolver com outra mulher e se apaixonar, se retira da categoria identitária de mulher lésbica, dizendo: "não sou lésbica, porque não odeio homens – pelo contrário (Nin, 2008a, p.28, *apud* Nascimento, 2023).

Esse exemplo destaca como a construção da identidade, na escrita autobiográfica de Nin, é influenciada tanto por suas experiências pessoais quanto pelas categorias sociais e culturais, refletindo o complexo pacto autobiográfico que Arfuch (2010) descreve.

Parafraseando Nascimento (2023), Nin pode ser analisada como um sujeito social que, por meio da escrita, articula e comunica sua experiência de vida, ao mesmo tempo em que se configura como sujeito discursivo, no sentido de organizar seu discurso com o objetivo de construir e projetar um *ethos* que busca influenciar o outro. Em seu envolvimento com outra mulher, Nin recusa a identificação com a categoria de mulher lésbica, justificando que não odeia homens, um enunciado que, embora seja carregado de um discurso que pode ser lido como discriminatório ou até lesbofóbico na contemporaneidade, reflete o contexto sócio-histórico da década de 1930, em que as questões de identidade sexual e de gênero ainda não estavam tão amplamente discutidas.

Ao justificar essa identidade móvel, Nin constrói um *ethos* performático, uma estratégia discursiva para se posicionar além das categorias fixas de identidade sexual, não se encaixando nem na heterossexualidade nem na lesbianidade. Ela se coloca, assim, para além das binarizações identitárias da época, ampliando os limites das concepções sobre identidade sexual.

No contexto do pacto autobiográfico e da análise da obra de Anais Nin, pode-se argumentar que Nin não busca a verdade no sentido estrito de uma realidade objetiva e imutável, mas sim uma verdade subjetiva, em que a autenticidade de suas experiências e sentimentos se revela por meio de sua escrita. Há também uma reflexão sobre os papéis de gênero nos anos 1930, problematizando a submissão feminina e mostrando como ela pode ser usada como estratégia ou resistência. Este é um ponto de partida para pensar em como o erotismo também pode ser uma forma de emancipação e resistência.

Contudo, o *ethos* performático de Nin serve como uma estratégia discursiva, desafiando as convenções da época e ampliando os limites da concepção sobre identidade e sexualidade.

### **A polifonia na Escrita de Anais Nin**

No contexto das reflexões de Arfuch (2010), a noção de polifonia, derivada da Teoria Dialógica do Discurso de Bakhtin, emerge como um princípio fundamental para a compreensão do *ethos* narrativo no espaço autobiográfico, ao mesmo tempo que destaca a complexidade das diversas vozes que se entrelaçam e coexistem nesse espaço, formando um vasto leque de vozes que, em sua multiplicidade, desafiam a concepção de uma identidade inalterada e limitada.

Afirma-se que o sujeito enunciador não é uma figura singular e imutável, mas uma construção dinâmica, que se configura em um processo dialógico, onde as vozes de outros indivíduos, interações sociais e contextos culturais atravessam e moldam seu relato. Essa concepção reflete a ideia de que a identidade não é uma verdade essencialmente dada ou estática, mas um processo contínuo de negociação, reconfiguração e expansão, uma continuidade sempre em relação ao outro (Arfuch, 2010).

E é justamente a concepção bakhtiniana da linguagem e da comunicação, sua elaborada percepção do dialogismo como um movimento constitutivo do sujeito, que permite que nos situemos diante dessa materialidade discursiva da palavra do outro, numa posição de escuta compreensiva e aberta à pluralidade. Pluralidade de línguas — heteroglosia —, dialetos, gírias, registros que, longe de constituir compartimentos estanques, se intersectam, criando, em sua diferença, um sincretismo inventivo das culturas. Pluralidade de vozes - polifonia — que marcam os cruzamentos, as heranças, as valorações cunhadas pela história e pela tradição, que não deixam de falar na própria voz. Caráter material da vivência, de necessária inscrição na linguagem, qualidade sónica da experiência e da subjetividade, que ganha corpo no enunciado e na narração para e por um outro e, desse modo, se aventura já como resposta (Arfuch, 2010, p.259).

Em consonância com esse entendimento, sob a ótica de Nascimento (2023), Nin é vista como um sujeito polifônico no discurso dialógico em ação. De fato, Anais Nin utiliza seu diário como um espaço de interação e comunicação, onde expõe suas confissões, desejos e sombras. Esse jogo criado por Nin permite a

manifestação de várias vozes ou *eus* que compõem sua identidade, refletindo a multiplicidade de sua experiência e ilustrando a fluidez e a complexidade da percepção de si mesma de maneira autobiográfica. Nascimento (2023) pontua sobre Bakhtin (2002), que defende que o enunciado é dotado de inúmeras vozes:

Bakhtin (2002) este importante precursor dos estudos em discurso, defende basicamente que: o que enunciamos está dotado de várias vozes, múltiplas, em nós. Há multiplicidade no discurso, e, a imagem que percebemos de nós já pressupõe, junto ao discurso, a dinâmica de embate interacional: o que construo sobre mim vem carregado de possíveis avaliações do outro, isto é, portanto, dialógico também, uma vez que interfere nas estratégias discursivas as quais utilizarei (Nascimento, 2023, p.57).

As análises de Arfuch (2010) sobre a polifonia, juntamente às reflexões de Nascimento (2023) sobre a polifonia na escrita Anaïs Nin, ratificam como a identidade é uma construção dinâmica e fluida, influenciada por diversas vozes e interações sociais. Dessa forma, a partir da teoria de Bakhtin, entendemos que o discurso não é monológico, mas sim formado por uma pluralidade de vozes que se entrelaçam e influenciam na construção da linguagem, da identidade e na percepção de nós mesmos. No caso de Nin, sua narrativa reflete essa ideia, sendo moldada pelas interações e pelos contextos sociais que ela vive. Desse modo, a subjetividade se constrói por meio de um processo contínuo de troca e negociação com os outros, na interação social e linguageira.

### **Considerações Finais**

As reflexões desenvolvidas ao longo deste artigo evidenciam a complexidade na escrita de Anaïs Nin, que, ao tensionar as fronteiras entre verdade e ficção, constrói um espaço singular de experimentação subjetiva. A partir da perspectiva da autoficção, conforme delineada por Arfuch (2010) e das contribuições de Nascimento (2023), foi possível demonstrar como Nin elabora uma narrativa que transcende o relato autobiográfico, assumindo um caráter dialógico e polifônico que desafia concepções convencionais de identidade e representação.

A análise de *Henry & June: Diários Não-Expurgados (1931-1932)* revelou não apenas a riqueza de sua escrita erótica, mas também o modo pelo qual Nin articula sua subjetividade em um movimento constante de reconfiguração do eu. A dinâmica entre confissão e invenção em seus diários sugere uma

percepção fluida da identidade, permeada por desejos, memórias fragmentadas e reelaborações narrativas que evidenciam a dimensão ficcional da própria autobiografia.

Além disso, ao considerar a influência do contexto histórico das décadas de 1930 e 1940, foi possível compreender como as transformações sociais e culturais da época impactaram sua produção. A partir dos autores citados, observa-se que a interseção entre literatura e psicanálise, bem como sua inserção em círculos artísticos boêmios, configuram aspectos fundamentais para a construção de uma escrita de si, marcada por um híbrido entre realidade e fabulação.

Nesse sentido, a escrita de Anaïs Nin pode ser compreendida como um gesto de ação e liberdade, ao afirmar que a ação está ligada à capacidade humana de transformar o mundo, composto pelas significações das experiências que tornam o ser humano um ser histórico. Assim, essa análise é basilar para explorar a complexidade da narrativa de Nin, permitindo reconhecer a sua escrita como um espaço de negociação identitária, de resistência e transgressão. Ao desafiar convenções de gênero e expor as contradições da experiência feminina, Nin ocupou seu lugar na literatura como uma autora que questiona e subverte discursos normativos, abrindo caminho para novas formas de expressão do eu.

A discussão aqui empreendida reforça a relevância da obra de Anaïs Nin não apenas no âmbito da literatura modernista, mas também no campo mais amplo das reflexões sobre subjetividade, identidade e representatividade. Torna-se importante ressaltar o quanto sua escrita permanece atual e instigante, desafiando discursos unívocos e convidando a novas interpretações, em um movimento ininterrupto de redescoberta do eu e do outro através da linguagem, numa dinâmica autoafirmação, incentivo e apoio à luta feminina.

Desse modo, a escrita de Anaïs Nin continua pulsando, mesmo tantos anos depois e, a partir da perspectiva de Nascimento (2023), torna-se possível perceber como sua voz ainda ecoa com força, provocando reflexões sobre os limites impostos às mulheres e a urgência de rompê-los. Estamos numa sociedade ainda marcada por desigualdades, onde tantas mulheres vivem caladas, silenciadas, desacreditadas, violentadas e, muitas vezes, mortas, nos faz pensar no quanto ainda precisamos continuar a lutar.

Mesmo com todos os avanços que conquistamos, seguimos enfrentando

desafios a estruturas patriarcais, normas culturais e sociais, institucionais, violência sistêmica e aos padrões de beleza e sexualidade que nos excluem, desvalorizando e tentam impor estereótipos. Com uma escrita sensível, sensual e profundamente honesta, Anaïs Nin rompeu barreiras em uma época em que ser mulher e dizer o que se pensava era um ato de rebeldia, do seu jeito, se rebelou e encontrou, em meio ao silêncio imposto, um jeito de falar, de existir. E, ao fazer isso, abriu caminhos para que outras também se reconhecessem, se libertassem e quem sabe, se transformassem.

Sua obra nos lembra que ainda temos muito a conquistar, que não estamos sozinhas e que nossas vozes/ações juntas possuem uma força transformadora. Que possamos como Anaïs Nin, continuar desafiando os paradigmas, preenchendo o mundo com nossas histórias, nossa coragem e nossa liberdade e, ser quem somos.

## REFERÊNCIAS

- MINAYO, Maria Cecília de Souza. Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade. In: *Ciência & Saúde Coletiva*. Rio de Janeiro. 17 (3): 621-626, 2012.
- ARFUCH, Leonor. *O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea*. Tradução, Paloma Vidal. EDIÇÃO 0789. Rio de Janeiro: Editora: EdUERJ, 2010.
- NASCIMENTO, Emanuelle Sousa. *O ethos erótico de Anais Nin, em Henry & June*. 2023. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras: Cultura, Educação e Linguagens – PPGCEL da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Disponível em: <http://www2.uesb.br/ppg/ppgcel/wp-content/uploads/2023/10/DISSERTACAO.pdf>
- PERROT, Michelle. *Minha história das mulheres*. Tradução: Angela. M.S Corrêa. São Paulo: Contexto, 2007.

# The ethos of Anaïs Nin: self-writing between truth and fiction

---

## ABSTRACT

This article analyzes Anaïs Nin's work from the perspective of autofiction, as proposed by Arfuch (2010), highlighting the complex relationship between truth and fiction in *Henry & June: Unexpurgated Diaries* (1931-1932), as seen through the lens of Nascimento (2023). Drawing on Minayo's (2012) methodological approach and reflections on autobiographical narratives, the text under analysis presents how Nin constructs her transversal and subjective writing, in which the self as biography is constantly reconfigured, exploring the nuances of identity and the boundaries between truth and fiction. The article also reveals the influence of the historical and social context of the 1930s and 1940s on her work, highlighting the resonance of Nin's erotic writing and its transgression of gender norms, as well as addressing the autobiographical pact, the polyphonic subject, and the dialogical. It is evident how much her writing challenges the boundaries between confession and fiction and reverberates in the representation and insubordination of the female experience, in addition to contributing to the construction of *ethos* and subjectivity through self-writing.

### KEYWORDS:

Ethos  
Autofiction  
Self-writing  
Subjectivity  
Anaïs Nin

**SUBMETIDO:** 10 de junho de 2025 | **ACEITO:** 19 de agosto de 2025 | **PUBLICADO:** 31 de dezembro de 2025  
© fólio – revista de letras 2025. Licença/Licence: [Creative Commons Attribution 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)

---